

Reportagem Especial

RELACIONAMENTOS

Qual é o modelo de família ideal?

Especialistas afirmam que, independentemente da forma de organização, a família ideal tem de incluir respeito, amor e generosidade

Kelly Kalle

Pai e mãe solteiros, família tradicional – com mãe, pai e filhos –, casais homoafetivos, recasamentos (em que a mulher e o homem levam os filhos do primeiro casamento e têm um outro filho), famílias que adotam crianças. Esses são alguns dos arranjos familiares da sociedade atual.

Segundo especialistas, em cada tipo de estrutura familiar é possível ter modelos de famílias ideais, conforme suas características.

Para a filósofa e escritora Tania Zagury, a família ideal é aquela em que, independentemente do gênero, há respeito, amor e também generosidade.

“Não há um tipo de família perfeita. Não se pode apontar que o casal tradicional é o melhor. Todos podem ser modelo em suas características. Se um casal forma uma família e as premissas são amor, afeto, respeito e generosidade, ele pode ser um modelo para outros.”

Em todas as famílias é preciso haver diálogo, dar limites e cuidados aos filhos, frisou o psiquiatra José Nazar. “Não importa a constituição familiar, o fundamental é haver relação sexual saudável, sem culpa, e afeto também nas palavras.”

Para a psicóloga e terapeuta familiar Cássia Rodrigues, a família modelo deve ter estrutura psicológica. “O marido que casa com uma mulher que tem filhos deve aceitá-los e cuidar deles. Quando a mulher tem um filho e o pai abandona, ela deve ter maturidade, nunca responsabilizar a criança pelo pai que tem.”

A terapeuta familiar, consultora em Educação e psicopedagoga Penha Peterli destacou que, nos recasamentos, quando um ou os parceiros têm filhos e querem ter outro, é importante haver uma preparação emocional dos filhos já existentes.

“É preciso mostrar que serão amados da mesma forma. Já na adoção, o filho deve saber que é adotado e a relação da família deve ser construída no amor.”

A advogada especializada em família Ivone Vilanova comentou que o casal homoafetivo pode adotar crianças, desde que tenha condições psicológicas e financeiras. “Não há malefícios para a criança. O malefício é deixá-la sem pais. Elas vão entender os vários tipos de família e lidar com naturalidade.”

O doutor em História do Brasil Luiz Cláudio Ribeiro ressaltou que hoje não há um padrão de família. “Não acredito que a família seja uma instituição falida, mas o modelo tradicional acabou. Há novas formações em que a base é afetividade.”

MEUS FILHOS, NOSSOS FILHOS



NARA PARANÁ/AT

Família mosaico

A administradora Lorena Fachetti, 35, teve duas filhas do primeiro casamento: Bruna, de 13 anos, e Luna, de 7. Ela conheceu o dentista Marcos Fernando de Oliveira, 31, namorou por três anos e é casada há três anos. O casal teve Davi, de 2 anos e meio, e todos moram juntos e bem. “Ele não toma o papel do pai delas, mas me ajuda no que pode.”

PARCERIAS

MONICA ZORZANELI



As transformações

Ao surgir a pílula, o número de filhos caiu

1950

País agrário
Até 1950, o País era agrário. A maioria das pessoas morava na zona rural, vivia da renda da terra e precisava da força braçal para trabalhar no campo. Nessa época, a família era formada por um pai, uma mãe e muitos filhos, cerca de 10.

Pílula
Em 1960, muitos se mudaram do campo para a cidade e, nessa década, surgiram os métodos contraceptivos, como a pílula. Aumentou a escolaridade e cresceu a industrialização. Com isso, a família começou se a reduzir.

1960

ADOÇÃO

ADRIANO HORTA/AT



Amor maior

Para a dona de casa Arilene Feitosa, 36 anos, e o gerente de tráfego Sebastião Ferreira, 42, o amor pela filha adotada Bruna, 11, é maior do que para com um filho de sangue. “O medo, a possibilidade de perdê-la faz o amor ser maior.”

Casal dá limites

A comerciante Fabíola Jabour, 38, contou que ela e o marido André Aquino, 39, engenheiro, sustentam a família e dão limites juntos às filhas Livia, 10 anos, e Laura Aquino, 5. “A mãe sempre fica mais com a criança então acaba dando mais limite, mas o pai ajuda também”, disse Fabíola.

DIVULGAÇÃO



Dedicação integral

A dona de casa Juliana Tovar, 27, casada com o bancário Gláucio Tovar, 40, parou de trabalhar para cuidar dos filhos Guilherme, 4 anos, e Henrique, de 1 ano e sete meses. “Ao trabalhar, teria de colocar as crianças na creche e o salário não compensava para deixá-los com estranhos.”

1980

Trabalho
Nessa década, cresceu o número de mulheres no mercado de trabalho. A quantidade de filhos se tornou menor e, no final da década, elas viraram provedoras da casa junto com o marido.

RELACIONAMENTOS

“Todos os nossos filhos se dão bem”

Ele teve dois filhos do primeiro casamento. Ela teve um filho e uma filha do primeiro casamento. Esse pai e essa mãe se casaram e tiveram mais um filho juntos. Essa é a família da cabeleireira Edilene Freire Rocha Metta, 44, e do representante farmacêutico Mário Fernando Metta, 44.

Eles estão casados há nove anos. O filho caçula do casal, Vitor Freire Metta, 8, e a filha de Edilene, Mariana Rocha, 20, universitária, que também tem uma filha, a Ana Beatriz, 5, moram com o casal.

O universitário Rômulo Augusto Rocha, 18, filho de Edilene, atualmente mora com o pai e a madrasa em São Mateus, pois estuda na região. Já os filhos do primeiro casamento de Mário – Augusto, de 18 anos, e Gabriel Metta, 15 – moram com a mãe em São Paulo, mas sempre passam as férias com o pai.

“Meus filhos se uniram aos filhos do meu marido e tivemos outro filho juntos. Todos os nossos filhos se dão bem”, disse Edilene.

Ela explicou ainda que a relação do ex-marido com o filho dela e de Mário também é muito boa. “Meu filho Vitor se dá superbem com

meu ex. Ele diz que meu ex-marido é o melhor amigo dele. E assim nós formamos uma terceira família. Quando meus filhos mais velhos estão de férias e vão para a casa do pai, o Vitor também vai. Ele é o primeiro a arrumar a mala.”

Edilene afirmou que quando é aniversário de Ana Beatriz, sua neta, todas as famílias se juntam. “Nessa hora vem meu ex-marido e a mulher dele, os avós paternos de Ana, os tios, além da nossa família.”

Com a ida do filho mais velho de Edilene para São Mateus, para estudar, a mulher do seu ex-marido ajuda na educação de Rômulo.

“Como não estou perto, a mulher dele e meu ex-marido atuam na educação. Todos participam da educação de todos os filhos. E os filhos respeitam os pais e padrastos.”

“Meu filho Vitor se dá superbem com meu ex. Ele diz que meu ex-marido é o melhor amigo dele”

Edilene Rocha Metta, cabeleireira



MARIANA FRANZOTTI, mãe de Maya, contou que é preciso ter jogo de cintura para cuidar sozinha da filha

“Minha vida é em função dela”

A universitária Mariana Dalto Franzotti, 27, é mãe solteira de Maya Franzotti, de 3 anos. Ela tem de se virar quase sozinha para cuidar da filha e pagar as contas da casa.

“Moro sozinha com a Maya. Tenho de trabalhar, estou terminando de me formar em Publicidade, tenho de pagar as contas, resolver problemas, e tudo sozinha. Meus pais ficam com ela quando tenho alguma aula na faculdade. Fora isso, tenho de colocar meu trabalho no mesmo horário da escola dela. Minha vida é em função dela.”

Mariana contou que é preciso jo-

go de cintura. “O que eu poderia fazer na rua com meia hora, com ela gasto duas horas. Se houvesse uma pessoa para dividir as tarefas, seria bom. É bem puxado, claro que me sinto sobrecarregada porque só tem eu para dar atenção, banho, fazer as tarefas. Mas tudo por ela vale a pena. Um dos nossos momentos juntos é na hora da yoga.”

A universitária contou que, para recuperar a vida social, quando Maya já havia crescido um pouco, uma tia ficava com ela de vez em quando para Mariana sair com os amigos. “Quando ela tinha 1 ano e meio, eu a deixei algumas vezes

com minha tia para sair à noite e isso foi importante para eu voltar a ter amigos, ter namorado.”

Este ano, como ela vai ficar apenas quatro horas na escola, a avó vai buscar e ficar com ela até Mariana chegar do trabalho.

“Por ser mãe solteira, não há a figura masculina, a voz grossa para brigar. Mãe é mais mole e doce. Por isso, sou mais firme com ela. E sou eu também que brinco com atividades mais físicas, como jogar para o alto e colocá-la nas costas. Faço para ela não sentir falta desse tipo de brincadeira, que em geral é o pai quem faz. Sou meio ‘pãe’.”

Família gay após ter filha

O gerente de loja John Rodrigues, 28, teve uma namorada há anos e com ela uma filha, Amanda Alicé, que hoje tem 9 anos. Mas, quando Amanda tinha 1 ano, ele se descobriu homossexual.

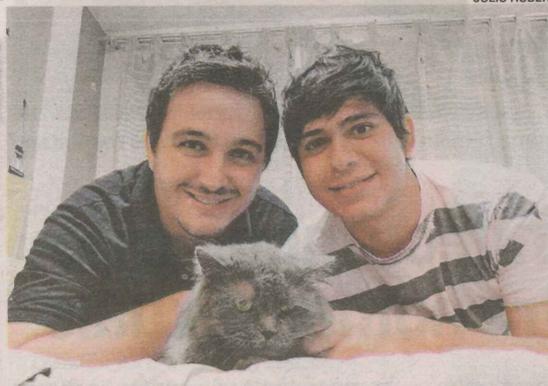
Hoje ele tem um namorado com quem vive junto há cinco anos. “Minha convivência com a mãe dela é perfeita e com o marido dela também. Minha filha vê com naturalidade minha sexualidade. Mas tento protegê-la do preconceito.”

A policial militar aposentada Ana Regina Bourguignon, 49, é homossexual e também tem uma filha de 7 anos. Ela é casada – um dos primeiros casais homoafetivos a casar no Estado – há quatro meses, mas o casal está junto há seis anos.

“Minha filha é meiga, inteligente e linda. Nunca precisei explicar nada a ela. Ela diz que tem duas mães. Graças a Deus, nunca tivemos problemas na escola. Minha companheira é apaixonada por ela.”

CASAL HOMOAFETIVO

JULIO HUBER



Convivência

O fotógrafo Billy Fabrinny Velten, 34, e o assistente administrativo Pedro Paulo de Souza, 24, namoram há nove meses e há um moram juntos. “A convivência é ótima. Nossa ‘filha’ é minha gata Zhara”, disse Billy.

PAIS SOLTEIROS

ACERVO PESSOAL



Apoio da família

A estudante Thaiane Coelho Silva, 19, é mãe solteira de Thiago Silva, de 1 ano. Mas ela mora com os pais Nilson Barreto, 42, e Rita de Cássia dos Santos, 45, que a ajudam, além da irmã Cynthia Coelho, 20. “Mãe solteira sozinha é bem complicado, mas essa palavra não pesa tanto para mim, pois todos me ajudam.”



JUSSARA MARTINS - 19/12/12

“Um dia de cada vez”

O publicitário Alex Fagundes, 35, pai da pequena Vitória, conhecida como Foquinha Baby, 5 meses, tornou-se pai e ficou viúvo em 2012. A mãe, Priscila Charpinel, morreu com tumor no cérebro. “Fico feliz pelo crescimento e recuperação dela. Aprendi que temos de viver um dia de cada vez e que coisas ruins passam.”

As transformações

Em 2000, surgem mais pais solteiros



1990

Mães solteiras

Ganharam força os movimentos homoafetivos. O número de mulheres separadas tornou-se significativo. Isso ocorreu porque a mulher passou a ter mais acesso à educação e oportunidades de trabalho.

2000



Recasamentos

Surgiu com mais força a mulher que abandona a família, deixando o pai solteiro. Cresceram composições de casamentos desfeitos: filhos do pai e da mãe morando juntos.



2010

Sem filhos

Os casais homoafetivos se tornaram mais visíveis com a união estável e o casamento. Também é possível adotar crianças. Apareceram com mais força casais que não querem ter filhos, por questões econômicas e pessoais.

Fonte: Luiz Cláudio Ribeiro, doutor em História do Brasil e professor da Ufes, e Márcia Barros Rodrigues, socióloga e doutora em História Social.